

Choque de realidade

Rogério L. Furquim Werneck*

A queda do ministro Antonio Palocci impôs um choque de realidade aos que ainda nutriam a fantasia de que, instalado na Casa Civil, o ministro representava a garantia de que a condução da política econômica no governo Dilma Rousseff jamais fugiria aos limites do bom senso.

Tendo liderado com muita competência a vertiginosa metamorfose por que passou o discurso do PT na campanha de 2002, Antonio Palocci enfrentou com grande sucesso o desafio de comandar a política econômica nos três anos iniciais do primeiro mandato do presidente Lula. Admirado pela oposição e pelo empresariado e festejado como um dos melhores quadros do PT, Palocci teve de se afastar do governo no início de 2006, sob acusações de abuso de poder, na esteira de um insólito incidente com um caseiro em Brasília.

Permaneceu em relativo ostracismo até o ano passado, quando foi reconvocado para o que se afigurava como nova missão impossível. Em 2002 havia conseguido convencer o País de que, da noite para o dia, a cúpula do PT havia abandonado de vez a pregação tresloucada que adotara na campanha das eleições municipais do final de 2000. O PT já não propunha o plebiscito da dívida. Muito pelo contrário, dispunha-se a dar seguimento à política econômica do segundo mandato de FHC.

A nova missão atribuída a Antonio Palocci em 2010 foi a de convencer a opinião pública de que o discurso econômico arrevesado de Dilma Rousseff, que a candidata do PT exibia com riqueza de detalhe por sete anos e meio, havia dado lugar a ideias ponderadas e perfeitamente defensáveis. Coube a Palocci atuar como mentor da candidata, corrigindo-lhe o discurso, e apontando-lhe o que lhe conviria dizer e o que evitar. Preparada para causar boa impressão a investidores, numa viagem a Nova York em maio do ano passado, a candidata deixou o País boquiaberto ao recitar um discurso que nunca havia sido seu, todo pautado por ideias novas em folha.

Dilma Rousseff foi eleita. Mais uma vez, a missão de Palocci foi cumprida. Na verdade, parcialmente cumprida. Mesmo os mais propensos ao autoengano respiraram aliviados quando, afinal, se confirmou que Antonio Palocci estaria solidamente instalado dentro do Palácio do Planalto como ministro-chefe da Casa Civil. Ainda que não diretamente envolvido com a condução da política econômica, Palocci estaria a postos para evitar despropósitos maiores nessa área. Essa era a fantasia.

Abatido por novo e grave escândalo, aparentemente deflagrado por “fogo amigo”, Palocci se viu mais uma vez obrigado a se afastar do governo. O parecer de um calejado senador petista, registrado logo no início do escândalo, deixou pouco espaço para dúvidas sobre a origem do tiro: “a balística do projétil que acertou o Palocci vai mostrar que a arma era do quartel” (*Folha de S.Paulo*, 18/5). Tenha vindo de onde for, a essa altura já se sabe, o tiro foi fatal.

Dentro e fora do governo, não falta quem esteja festejando, por razões erradas, a queda de Palocci. Na própria equipe econômica, da Fazenda ao BNDES, o afastamento do ministro e da ideia de que a condução da política econômica estaria sob sua tutela foi recebida com mal disfarçada satisfação. Fora do governo, tem chamado a atenção a forma quase eufórica com que incansáveis pregadores de mudanças radicais na condução da política macroeconômica têm festejado a saída do ministro do governo. A presunção parece ser a de que, agora, o Planalto estaria mais propenso a se encantar por propostas estapafúrdias de política econômica.

O certo é que com a queda de Palocci, não há mais espaço para ilusões. Ficou gritantemente claro que, para efeito da condução da política econômica, o País está, afinal, a sós com Dilma Rousseff. Na estrita dependência do bom-senso que a presidente conseguir mostrar. Na verdade, já estava assim desde 1º de janeiro. Mas muita gente só conseguiu perceber isso agora. Quando o suposto fiador do bom senso teve de abandonar o governo.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.